

# 27.9.53 Lição Para Meditar

A campanha do sr. Getulio Vargas, a principio contra o govêrno do sr. Eurico Dutra, depois a favor da própria candidatura à Presidencia da Republica, teve por base a crescente carestia dos artigos essenciaes à subsistên-cia. Foi com a promessa de deter e fazer regredir a alta dos preços que o candidato populista conseguiu o maior contingente de votos para a sua injustificada, mas não surpreendente vitoria eleitoral.

Entretanto, nenhuma promessa poderia ser mais vã do que essa, nenhuma se poderia dizer mais enganadora. Os preços vinham subindo constantemente durante o govêrno do sr. Eurico Dutra, é certo; mas tal ascensão não fôra criação dele. Do governo anterior, do prolongado governo anterior vinha a inflação, que, enriquecendo rapidamente alguns privilegiados, reduzia quase à miséria a grande massa da população. Não a criou o primeiro presidente eleito depois do Estado Novo, recebeu-a êle do seu antecessor. Se alguma censura se lhe pode irrogar, é a de não ter sabido romper inteiramente com as práticas vi-gentes e haver seguido, em grande parte, a politica anterior. Houve inflação com todo o seu inavaliavel cortejo de maleficios de ordem material e moral. Houve-a, simples-mente, porque o sr. Eurico Dutra não a pôde, ou não sou-be deter. Ele foi apenas, mau médico; não fôra o causan-te da doença.

Quem tinha sido, porém, o seu antecessor no govêrno, quem criara ou deixara se criasse a situação que tão fortemente estava oprimindo a Nação?

O homem, de quem o então presidente recebera tão gravoso legado, era o próprio sr. Getulio Vargas, o mesmo no qual uma boa parte dos cidadãos depositava agora as suas esperanças! Ele fizera o mal, a êle se pedia o reme-dio... Poderia haver maior disparate, do que este?

Entretanto, como há muito estamos praticando um re-gime de disparates, o sr. Getulio Vargas foi eleito. E, co-mo era de esperar, nada melhorou e tudo se agravou. O autor da inflação continuou a inflação.

E' o que demonstra um quadro comparativo publicado por uma fôlha paulista. São os preços de dezessete arti-gos fundamentais da alimentação, respetivamente, em 31 de janeiro de 1951, dia da posse do sr. Getulio Vargas, e em 31 de janeiro de 1953, completados dois anos de govêr-no. Todos os gêneros subiram — do açúcar ao toucinho. Alguns subiram 30 a 40%. outros, como a carne, a farinha de maza, a farinha de trigo, 100% e mais!

O sr. Getulio Vargas, pois, não cumpriu as suas pro-messas eleitorais. Não começou sequer a cumpri-las de- pois de dois anos de govêrno; não logrou deter a ascensão dos preços.

Quem, porém, se poderá queixar dele? Não, por certo, a grande maioria do eleitorado, que lhe recusou os seus votos. Esses nada esperavam dele. Também não os que

lhe sufragaram o nome. Esses não tinham o direito de en-ganar-se. O sr. Getulio Vargas era sobejamente conheci-do, exercera o govêrno por quinze longos anos. E, reelei-to, continuou a ser o que sempre fôra. Assim, se êle não mudou, não se podem queixar os que votaram nele. Desta vez, ao menos, êle não enganou ninguém. Enganaram-se os que quiseram. E êstes só de si mesmos se podem queixar.

A eleição do sr. Getulio Vargas foi uma aberração da inteligencia. E tão grande, tão grave, tão profunda, que ain-da hoje ha gente a esperar candidamente o cumprimento das mirabolantes promessas. Esperem — dizem eles — tenham um pouco de paciencia, que o homem fará o milagre.

Convêm, por isto, lembrar de vez em quando a tris-te realidade. Dois anos já decorreram, ao Govêrno conce-deu o Congresso todos os recursos pedidos, e nada melho-rou: pelo contrario, nada cessou de piorar. Estamos dian-te de um governo falido.

Mostra bem êste doloroso caso sem remedio a gra-vissima responsabilidade que se liga ao exercicio do voto. Não é acêrca dos seus interêsses imeditos que resolve o ci-dadão ao depor a sua cédula na urna. E' acêrca dos in-terêsses muito mais amplos e importantes da coletividade, que êle é chamado a deliberar: interêsses que, afinal de contas, compreendem os mais legitimos interêsses de cada um. Por isto, nenhum cidadão têm o direito de se deixar levar por caprichos, por sentimentos, por paixões, por pen-samentos subalternos. Sôbre todos, não somente sôbre êle, recaem as consequencias dos seus êrros eleitorais.

E tanto maior deve ser a cautela, quanto praticamos um regime politico, que não permite, ou difficilmente per-mite a correção do êrro. Dois anos de governo já decorre-ram em pura perda; mais três anos correrão fatalmente, sem que nada permita razoavelmente esperar a melhora da situação. O presidente da Republica, em tôrno do qual tu-do gira neste regime, será o mesmo, a mesma será a sua mentalidade, os mesmos, os seus processos: somente por milagre será licito esperar se produza uma alteração feliz no governo do Pa's. Estamos inapelavelmente jungidos ao êrro popular perpetrado a 3 de outubro de 1950.

Esta é a lição, muito para meditar, que nos oferece o quadro comparativo do custo da vida nestes dois ultimos anos.